
LATIM e GREGO ANTIGO

Introdução ao estudo
das línguas e da
Cultura Clássica



Sumário

Introdução	5
O e-book	7
 Parte I	
As línguas antigas: breve história e origem	13
A importância do grego antigo e do latim	23
A relação entre português, latim e grego antigo	29
 Parte II	
Métodos	37
Breve história do ensino das línguas clássicas	41
Primeiras lições	45
 Parte III	
O que podemos ler em grego antigo e latim?	53
Considerações finais	67

Introdução

Salvete, amici! Χαίρετε, φίλοι!

— **Prof. Eduardo Rocha**



Bem-vindos, alunos e amigos! Com muito prazer, temos o desejo de fazer parte de vossos estudos de latim e grego antigo. Antes de mais nada, eis uma breve apresentação. Somos a Schola Classica; empenhamo-nos no ensino das línguas clássicas desde 2015, colocando-nos à disposição de alunos que possuem os mais variados interesses. Atendemos tanto àqueles que necessitam do básico para iniciar uma formação em ciências humanas quanto aos que desejam ler as obras originais da literatura greco-latina. Até os mais ambiciosos, que pretendam imitar a escrita e o estilo de grandes autores como Demóstenes ou Cícero, possuem espaço por aqui.

Acima de todos os nossos cuidados, está o compromisso com os alunos, pois nosso trabalho é feito com muita diligência. Porém, tornar possível esta formação, que é tão rara e negligenciada no Brasil, não é tarefa fácil. Por isso, não medimos esforços para oferecer o que há de melhor: livros didáticos e literários, cursos completos de latim, grego antigo e um curso de humanidades, somando centenas de lições. Vale esclarecer que a fartura de lições não se refere a um mero volume de conteúdo concebido a esmo, mas a um conjunto de leituras, orientações e instrumentos ordenados em unidade, voltando-se ao resgate de uma educação tradicional. Sobretudo, queremos garantir aos alunos uma independência intelectual que lhes permita alçar voo para os mais diversos campos do saber. Pois, a cultura e as línguas clássicas são as bases de todo conhecimento científico e literário do Ocidente.

Agora que já nos conhecemos melhor, convido-vos à leitura deste pequeno manual. Esperamos que nossas palavras se assentem bem a todos os leitores e, assim, obtenham bom proveito de nossas lições.

Pergamus!

O e-book:



O E-book de Latim e Grego Antigo foi feito para aqueles que desejam dar os primeiros passos nos estudos clássicos. Nesse propósito, também traremos luz à algumas confusões que se afiguram aos principiantes. Sabemos que perguntas como “qual livro devo utilizar?”, “que exercícios devo fazer?”, “qual a frequência de estudo?”, dentre outras mil, podem receber respostas tanto esclarecedoras quanto prejudiciais aos principiantes. Por esse motivo, estamos aqui justamente para colocar um pouco de ordem na casa e orientar os nossos leitores.

Na primeira parte do livro, trataremos da importância das duas línguas antigas para nossa cultura, suas origens histórico-culturais e suas principais diferenças gramaticais com relação à língua portuguesa. Abordaremos esses assuntos, porque os estudos clássicos, ao contrário do que alguns possam imaginar, não dispensam apresentações iniciais.

Pois essas línguas não são apenas ferramentas quaisquer como são as de uma marcenaria. Tomemos esse exemplo: as ferramentas do marceneiro evoluíram com o tempo, adaptando-se à forma e ao tamanho dos materiais de construção. Para este profissional a história ou conhecimento dos instrumentos antigos não importa muito, pois seu interesse é imediato e precisa concentrar-se apenas em manipular suas ferramentas cada vez melhor. Àquele que estude grego ou latim, ao contrário do marceneiro, a história e a cultura antigas darão peso semântico ao vocabulário, de maneira quase indissociável do aprendizado. Ao pensar nessas questões, os alunos ainda podem pensar que estas disciplinas conseguem caminhar separadas, talvez por ter gosto por uma e não pela outra. Contudo, o interesse nessas questões não deve se medir pelo gosto, mas pelo valor que possuem.

Igualmente, daremos certa atenção ao português. Aqui cabe lembrar que a nossa língua, a qual todos nós brasileiros herdamos, é constituída de grego e latim em suas raízes e elementos gramaticais, e mesmo nos signos mais básicos. Sendo assim, não surpreende que a literatura tanto em língua portuguesa quanto em outras línguas neolatinas seja eivada de grecismos e latinismos. Todas estas línguas, como francês, italiano e português, guardam no fundo a mesma “genética” de seus parentes mais próximos: grego e latim.

Na segunda parte, apresentaremos o método que utilizamos, suas vantagens e deixaremos algumas lições introdutórias de grego e latim, que o aluno poderá fazer aqui mesmo. Conhecer o método já é um passo importante; praticá-lo e obter uma primeira experiência utilizando-se dele é o segundo. Vale lembrar um detalhe quanto a isso. Talvez as crianças de uma pré-escola não precisem conhecer o método de seus professores, porque não os questionam, mas sabem que a primeira regra é obedecê-los. Porém, quando buscamos sucesso na educação de adultos ou jovens, já um tanto grandes, cabe a nós elucidarmos as novas regras do jogo. Por isso, nos demoraremos um pouco no método. Há muitos modos de ensinar grego e latim, mas optamos pelo que julgamos mais eficiente e com o qual temos mais segurança e confiança. Desde então, vale lembrar que este método

que escolhemos, chamado ‘método natural’, já gerou bons frutos e consagrou-se, no século XX, em meio a uma crise educacional na Europa. Para abordar o assunto de maneira mais completa, retomaremos um pouco da sua origem e o compararemos com outras metodologias mais antigas sob a luz da pedagogia tradicional e da experiência de grandes professores, que empreenderam suas vidas na educação de milhares de alunos.

Na terceira e última parte, apresentaremos os principais autores greco-latinos e suas obras mais destacadas. Quando foi dito há pouco que o ensino das humanidades clássicas é negligenciado no Brasil - quiçá no mundo todo - nos referimos também ao conhecimento dos clássicos. Então, quanto ao que é necessário aprender sobre a literatura clássica, certamente não basta apenas saber que, num tempo remoto, existiu algum poeta ou retórico perdido pelas margens do mar Mediterrâneo. Na verdade, essas produções literárias tornaram-se peças indispensáveis à formação e construção da cultura ocidental. As primeiras composições eram de cunho religioso e didático-científico, constituíam-se da cosmovisão dos intelectuais e representavam todas as coisas do universo. Parte desse conhecimento antigo foi incorporado pelas ciências modernas, perdendo-se da forma antiga, parte permaneceu viva com quase igual forma. Parte da poesia foi imitada e tornou-se inspiração até os dias de hoje e outra permanece insuperada. Portanto, nosso conhecimento, nossos gostos e criações artísticas estão fortemente alicerçados no passado arcaico e clássico. Arriscando ir um pouco além: é por tudo isso que, se queremos ser originais em nossas criações artísticas, é bom que nos voltemos a eles. *A originalidade*, por sua vez, não é a criação de algo inédito em tudo, mas sim algo digno do engenho humano e de nossa *cultura original*.

A esse tema da literatura não deixaremos de acrescentar algumas chaves de interpretação para que os alunos possam ter um bom ponto de partida. O desafio de ler os clássicos nos pede uma meditação mais profunda sobre a vida humana em sociedade. Se observarmos as antigas epopeias atentamente, encontraremos homens semelhantes a nós mesmos. Pois, somos os mesmos desde sempre e buscamos

compreender o universo no qual surgimos e, assim, expressar as realidades ordinárias e extraordinárias que presenciamos. Porém, isso tudo se dá de modo particular. Tudo que é escrito pertence, de algum modo, ao seu próprio tempo. Nesse sentido, Homero, quando narrou suas epopeias aproximadamente no século VIII a. C., deixou os moldes de costumes e comportamentos a serem seguidos pelos gregos. Esses costumes ainda influenciaram a Europa para além da idade média, mas as narrativas devem ser entendidas conforme o tempo e o contexto histórico-cultural que o poeta descreveu. Absorver tudo isso pressupõe um pouco de aquecimento e treino. Por isso e outros inúmeros motivos, esse tema terá bastante espaço neste livro.

Então, dito tudo isso, só podemos desejar que todos tenham um bom proveito das informações aqui contidas. Nada disso pretende ser um tratado científico sobre estes assuntos, mas, certamente, um acesso seguro que permita afastar o aluno recém-chegado da estaca zero.

Parte I

As línguas antigas: breve história e origem



Quem já se aventurou pelos estudos clássicos, certamente ouviu falar em Homero, que compôs os dois grandes épicos da antiguidade, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Certamente soube quais foram os dois grandes nomes da filosofia grega, Platão e Aristóteles. Dificilmente ignora Cícero, o maior orador romano. Porém, poucos sabem que, quando os gregos já possuíam mais de seis séculos de composições poéticas, os romanos sequer possuíam o que chamar de literatura. Entendamos isso de modo claro. A literatura grega surge por volta do século VIII a.C. e a romana floresce no século II a.C., por influência dos gregos. Pode parecer tarde para os romanos, mas, por outro lado, não há nada de errado em atribuir aos gregos um desenvolvimento intelectual muito precoce. Isso obviamente diz muito a respeito das duas línguas. Quando falamos aqui de literatura, estamos nos referindo

ao mesmo tempo à capacidade linguística, pois podemos medi-la em cada civilização pela produção literária e científica. Basicamente, uma civilização atinge certa maturidade linguística quando é capaz de expressar realidades complexas de diversas naturezas com as palavras que possui. Observado isso, surgem-nos algumas questões. Como os gregos e os latinos conseguiram chegar a esta maturidade? Como se deu o intercâmbio cultural entre esses povos? O que uma cultura tem a ver com a outra? Para dar uma resposta minimamente suficiente, precisamos de um pouco de história.

As origens do grego e do latim são muito remotas. Ambas as línguas teriam vindo de outra primitiva, de tribos indo-europeias, que se ramificou em inúmeros dialetos. Os indo-europeus que são considerados os primeiros gregos teriam se instalado na região do Peloponeso em 2500 a. C. Mais tarde, 1500 anos depois, uma nova migração de tribos do norte leva o latim primitivo à península Itálica. O nome “latim” originou-se de “Latium” (Lácio), região na qual Roma foi fundada.

Observando por esse lado, é fácil imaginar que as duas línguas possuam semelhanças, pois são como dois rios que rompem da mesma vertente. Isso ficará ainda mais claro quando mostrarmos as semelhanças gramaticais entre elas nos próximos capítulos. Mas já se pode adiantar alguns pontos. As raízes comuns de algumas palavras são muito evidentes, como na palavra “pai”. Em grego se escreve “πατήρ” (patér) e em latim “pater” (páter). Ou também na palavra “mãe”, em grego “μήτηρ” (méter), em latim “mater” (máter). As outras semelhanças se dão nos mecanismos das línguas, pelo uso de flexões de caso, gênero e número e na utilização das outras *partes da oração*. É por meio de todos esses atributos que os linguistas tentam reconstruir a história mais remota das línguas. É um estudo complicado e cheio de problemas insolúveis, pois muitas evidências foram apagadas com o tempo. Porém, é mais fácil conhecer uma língua depois que seus falantes se tornam *civilização* e podem escrever.

A língua grega

A língua grega passou por um processo histórico bastante complexo até que se tornasse digna da atenção de inúmeras civilizações. Para entendê-lo, é necessário observá-lo conforme a evolução da civilização helênica e de outras influenciadas por ela.

Os falantes do grego nunca foram um povo em perfeita unidade nacional. O período que é chamado de Idade Homérica, que está situado entre 1200 e 800 a. C., deixou inúmeras evidências disso. Já nas epopeias homéricas, pelas quais conhecemos esse tempo, encontra-se a descrição de vários pequenos reinos espalhados pela costa e por ilhas do mar Mediterrâneo. Se assumimos como certa a tese de que as primeiras tribos chegaram pelo Peloponeso, então devemos supor que tenha acontecido um movimento centrífugo. Daquela região central do Mediterrâneo os homens migraram para a costa da Itália, península Hispânica, Norte da África e Ásia Menor, que é a região da Palestina. Foi só a partir desses antigos reinos que surgiram as cidades-estados, como Atenas e Esparta. Nesse tempo, aconteceu algo que mudaria a história dos povos Europeus: para essas pequenas unidades territoriais, foi importada a escrita, que foi trazida da Fenícia pelo século VII a. C. Então, é desse período em diante que temos alguma narrativa suficientemente clara da língua helênica.

Foi a escrita que nos permitiu conhecer as transformações ocorridas no grego antigo, bem como o desenvolvimento da literatura. Um fato ilustrativo: Homero, por exemplo, havia composto tudo oralmente, pois a *Ilíada* e a *Odisseia* foram registradas de forma escrita apenas mais tarde no século VI a.C.. Até então os poemas eram conservados apenas na memória de rapsodos, que eram pessoas especializadas na recitação dos cantos, e de estudiosos das epopeias. Então, graças a escrita, os registros literários, que foram acumulados por séculos, nos permitiram estudar o grego antigo e afirmar algo importante: que a linguagem formal variou pouco. A própria escrita influenciou nisso, porque ajudou a conservar a estrutura da língua e o valor semântico das palavras. Aqui, é bom deixar claro que não explicaremos o

surgimento do grego moderno nesta breve história, que já possui inúmeras influências distintas do antigo e consolida-se como língua formal em outro contexto histórico.

Desse modo, a literatura permitiu o conhecimento dos dialetos gregos e da importância cultural de cada um. Foram elevados aos poucos em valor, conforme os seus falantes deixaram contribuições para a cultura helênica. Como havíamos dito, o grego homérico é com certeza de grande influência para a língua e cultura grega. Pois Homero elevou o valor de sua língua, dando-lhe capacidade estética e expressiva. Após o grego Homérico, destacou-se o grego Ático, por causa da arte e do engenho de célebres Atenienses. Isso aconteceu no período áureo da produção literária e filosófica de Atenas, que se dá entre o século V e IV a. C. Mas não só o idioma culto ganhou atenção. Um século depois, a cultura grega alastrou-se ao redor do Mediterrâneo e sua língua naturalmente assumiu um papel maior, tornando-se língua franca entre os povos da região. Esse grego que era falado, é o Koiné, que significa 'grego comum' e é uma variante do Ático. Foi com este dialeto que evangelistas e apóstolos produziram o Novo Testamento.

O Koiné foi língua de diplomacia e comércio por muito tempo, modificando-se, mais tarde, conforme a cultura helenística alterava-se. Desta variação é que teremos o grego bizantino, ou medieval. No século VI d. C., o Império Bizantino o adotará como língua oficial do estado. Porém, a este ponto do declínio nacional, a língua já havia chegado muito perto do grego moderno. Como o Império de Bizâncio deixa de existir no século XV, cada uma de suas regiões vai reforçando cada vez mais a identidade nacional, enfraquecendo cada vez mais a necessidade e o emprego do grego antigo.

A Língua latina

O latim mais antigo, que se estabeleceu no Lácio, é bastante desconhecido. Não se têm registro de grandes obras poéticas nessa fase histórica. O idioma ainda confrontou-se com novas influências a partir da chegada na região, quando seus falantes tiveram contato com os Etruscos, que também habitavam a península. Mesclaram-se e juntos formaram uma população de atividade especialmente agrícola. Ambos os povos possuíam cultos que aos poucos se fundiram. Viviam muito ligados às atividades campesinas, de modo que não constituíram tão cedo uma vida social urbanizada como os gregos. Por outro lado, as guerras lhes foram inevitáveis, pois latinos e etruscos lutaram muito entre si, até que um dominasse o outro, formando-se um reino cada vez maior e com exército cada vez mais especializado, que estava pronto para defender o território a qualquer custo. Desse modo, como as ocupações desse povo eram extremamente voltadas aos negócios, até aqui, a língua prestava-se mais às atividades comerciais e cotidianas, na lida do campo e à uma educação especialmente guerreira.

Enquanto isso, os gregos, que estavam há mais tempo estabelecidos na península Balcânica, já haviam enfrentado problemas por disputa de terras nos confins de seus limites continentais e marítimos. Já haviam feito expedições militares cujas histórias se tornaram narrativas poéticas. Já manipulavam o ferro e navegavam pelo mediterrâneo, portanto possuíam um intercâmbio cultural muito maior com o resto do mundo. A eles o terreno cultural estava realmente mais fértil, vendo-se em contato com povos como o Egito. Portanto, os romanos ainda viviam em certo isolamento cultural.

Devido a isso tudo, a educação grega expandiu seus horizontes mais cedo. Era do tipo guerreira, mas também absorveu a educação dos escribas orientais, que consistia basicamente no aprendizado de diferentes alfabetos, dos números, do cálculo, da interpretação de escrituras antigas e do aprendizado da sabedoria oriental. Voltava-se à nobreza e ao desenvolvimento de certas artes e técnicas, que deviam

ser cultivadas por esses nobres. Dentre as artes estavam a música, a dança, os esportes voltados a um ideal humano de glória e a práticas religiosas. O que de fato nos ajuda a compreender o avanço intelectual grego e o desenvolvimento de sua língua, como vimos acima.

Foi mais custoso aos romanos voltar os esforços à educação e à literatura. Só após a segunda guerra púnica, no século II a. C., é que fizeram isso, porque entraram em contato direto com a cultura grega. As guerras púnicas foram empreendidas pelos romanos contra Cartago, que era um povo do norte da África de cultura helenística. Nesse tempo, os romanos já haviam expandido o seu território e o seu governo já havia passado de reinado a república. Como os cartaginenses formavam um império, que agora ameaçava alguns territórios romanos, a primeira guerra foi inevitável. Confiantes, depois da primeira vitória contra Cartago, os romanos buscaram anular seus adversários, conquistando parte do território do império inimigo. Foi assim que, em pouco tempo dominaram outras terras ao oriente e, então, se viram no meio do mundo de cultura helênica.

Conheceram poetas, retóricos, filósofos e estudiosos que, em parte, se tornaram escravos dos romanos, encarregados, inclusive, de dar uma educação formal de gramática e outras artes aos filhos dos patrícios, que formavam a nobreza romana. Nesse período é que surge o início da literatura latina, com traduções das principais obras gregas. A língua latina não passaria por tudo isso ilesa. Com as duas culturas em choque, a mistura de crenças e costumes plantou a semente para o desenvolvimento da língua latina e criou o sincretismo religioso greco-latino. Isso fez com que os intelectuais romanos, que recém emergiam naquele meio, expressassem a realidade de novas formas, com poesia e beleza.

Os primeiros exemplos da literatura latina foram traduções da *Ilíada* e da *Odisseia*. Depois, surgiram as imitações das comédias gregas de Menandro, que fizeram parte do teatro grego tardio. A língua agora alcançava mais beleza e poder de expressão. Os retóricos romanos aprenderam a transformar a língua formal num instrumento

mais versátil e plástico para convencer o júri. A maturidade da prosa latina foi vista no tempo da república, com Cícero, o maior orador e talvez intelectual da república romana. Depois, com o surgimento do Império Romano, surgiram os maiores poetas da língua, com Virgílio, Ovídio e Horácio. Aqui estamos falando do latim clássico. A língua formal não mudou em essência durante a existência do império. Porém a literatura decaiu muito ao fim desse período, que foi sucedido pelo fim do Império Romano do Ocidente, dando início à Idade Média.

Nesse momento é que surge o latim medieval ou latim eclesiástico, pois refere-se a um tipo de corrupção do latim clássico. Como a língua falada sempre foi diferente da escrita, nunca foi natural aprendê-la, como o é aprender qualquer dialeto materno. Isso é comum em todas as culturas que possuem escrita, pois a linguagem coloquial é diferente da formal. Como o cultivo do latim formal ficou cada vez mais restrito a poucos estudiosos, principalmente ao clero da Igreja Católica, que ainda o mantinha na teologia, na filosofia e em assuntos administrativos, o idioma passou a ser escrito com uma forma mais distante daquela de Cícero, tendo a pronúncia alterada e simplificando um pouco a sua sintaxe. O fim da Idade Média também é marcado pelo início da escrita vernácula. Por isso temos um cenário em que o latim se torna mais restrito ao ensino monástico.

Depois disso, nasce o latim do Renascimento, período que sucede a Idade Média. Foi nesse tempo que retomou o seu padrão clássico. A grande diferença, no entanto, é que teve utilização restrita a meios intelectualizados como as universidades e principalmente as escolas de artes liberais, bem como entre os leigos que participavam dessas comunidades. No entanto, a partir daí, perdeu cada vez mais espaço para as línguas modernas no campo literário. Os renascentistas buscaram se educar com base na antiga sabedoria dos gregos e dos romanos. Na verdade, não havia nada de mesmo valor a ser estudado, senão a literatura e o conhecimento científico greco-latino. Hoje temos uma ideia de produção científica globalizada, que pode vir de diversas nações diferentes. Naquela época, porém, a maior parte do

que havia sido postulado ou escrito vinha dessas duas fontes culturais. Ou seja, tudo que interessava a um progresso científico e literário, estava escrito em grego ou latim.

No Renascimento, portanto, a solução dos intelectuais Europeus foi aprender com os clássicos. A região que pertencera ao Império Romano do Ocidente agora estava dividida em vários reinos, mas todos em situação educacional semelhante, fortemente debilitada pelos efeitos da peste bubônica. Por isso, buscaram no oriente quem dominasse o grego e quem os ajudasse com aquela antiga sabedoria. Sabe-se que o principal professor de grego antigo desta época foi Crisóloras, um erudito bizantino que ainda conservava consigo este conhecimento. Ele foi responsável pelo ensino de homens importantíssimos para a educação do início do renascimento. Como fazia pouco tempo que milhares de professores haviam morrido da peste bubônica, os mais eruditos que restaram tentavam, aos poucos, reconstruir a excelência da educação clássica na Europa Ocidental. Portanto foi uma resposta a essa catástrofe e a Europa buscou soluções para reaver a atmosfera cultural na qual vivia. Assim, criou uma educação voltada aos clássicos que gerou grandes escritores e intelectuais que se dedicavam ao latim e publicavam seus trabalhos nesta língua. Seu estilo variava bastante, mas era essencialmente um latim clássico adaptado a um tempo diferente do dos antigos romanos.

A língua latina, mais do que a grega, foi o que permitiu a intelectualização do Ocidente após a queda do Império Romano. Como lemos acima, um dos motivos foi a conservação por parte da Igreja Católica. Esta foi a responsável por guardar a cultura latina, mesmo depois da dominação bárbara. E esse idioma foi a ferramenta mais importante nesse percurso, principalmente por ser uma língua morta. Ou seja, que não se modifica em sua essência com o tempo. Portanto, se analisarmos todas as variações do latim ao longo de desses períodos, não vamos encontrar modificações drásticas. Latim é latim, seja o jurídico, o clássico, o medieval ou o eclesiástico. Quando o estudamos bem, poderemos lê-lo em todas as suas variantes. Nesse

sentido, a língua grega variou mais da antiguidade até o renascimento. Contudo, se estudamos as suas principais fontes clássicas, torna-se mais fácil transitar do texto de uma época à outra. Isso é feito com o acúmulo de leituras e experiência, sem fórmulas mágicas, o que requisita paciência e perseverança.

A importância do grego antigo e do latim



Por que estudamos latim e grego antigo? É natural que nos ocorra como primeira opção pensar em benefícios práticos imediatos de se estudar as línguas antigas, porém decidir estudar qualquer idioma avaliando-o como a um mero instrumento para esse ou aquele fim pode acabar nos levando a uma cilada. Por exemplo, o estudante que compare a necessidade de estudar latim com a necessidade do inglês ou do francês, pode acabar se servindo de critérios bastante infundados. Um deles é avaliar a língua pela quantidade de obras escritas ou traduzidas nela. Se é assim, abandonemos a língua materna e falemos apenas em inglês! Os americanos e ingleses possuem inúmeros clássicos de épocas e culturas diferentes, todos traduzidos e anotados. Mas vale a pena fazer isso? Há critérios piores: comparar a beleza sonora de poesias de uma língua ou outra. “O francês é mais

bonito”, “não, o espanhol”, “não, o russo” – assim dirá a pessoa mais iludida do mundo. Isso tudo, como veem, são preocupações bastante dispensáveis. O estudo das línguas sempre possui algum benefício desse tipo a nos oferecer, seja qual for, pode ser até mesmo a vantagem de um treino mental. Duas ou mais línguas podem ser colocadas inteiramente na balança e podem ser medidas todas as suas vantagens práticas, porém isso tudo serve a necessidades de ordem distinta. Não é disso que estamos falando quando tratamos da importância do latim e do grego, mas, sim, do valor cultural que os dois idiomas carregam consigo. A necessidade intelectual é que recai sobre eles. A cultura que herdamos é enriquecida por meio dessas línguas, que são como fontes de sabedoria inesgotável.

Podemos ver o estudo dessas línguas como etapa de uma educação tradicional.

É comum até hoje que boas escolas europeias e universidades continuem a ensinar latim e grego, assim como foi antigamente. São incontáveis os grandes nomes da ciência, da literatura e da educação que estudaram essas línguas como parte de seu currículo. Todos eles, cedo ou tarde, entenderam o seu valor e perceberam o quanto os estudos clássicos lhes serviram à vida intelectual. Tomemos o exemplo do astrônomo Kepler, que escreveu tudo que conhecia de sua ciência em latim. Ele conhecia a língua como a palma da mão, o que era comum entre esses cientistas. Um antecessor de Kepler, Tycho Brahe, também escrevia em latim ao ponto de produzir belas poesias em seus próprios tratados científicos. Newton, que foi um verdadeiro gênio em tudo que se pôs a estudar, também procurava cultivar uma boa e clara escrita latina, mesmo em seus tratados sobre mecânica. Os assuntos estudados por esses gênios aparentemente não têm a ver com as línguas antigas, mas se olharmos mais de perto, veremos que todos eles participaram da mesma tradição educacional. Agora sim, temos algo mais palpável para compreender o benefício cultural do qual falamos. Há currículo básico que foi cursado por esses e outros

nomes muito relevantes à ciência e à cultura ocidental. Ele existe, como vimos no capítulo anterior, da antiguidade até o nosso tempo. O latim e o grego estão presentes nessa etapa de formação, o que modifica as capacidades dos alunos em algo bastante intangível e discreto. Por isso, até hoje, é comum que surjam inúmeras discussões sobre a necessidade e os moldes desses estudos, se devem ou não ser estudados em escolas e universidades ou esquecidos. Sabemos que, nessa disputa, que emergiu no mundo todo, têm vencido governantes e intelectuais excessivamente pragmáticos que, ao ditar regras para a educação sem o mínimo preparo, colocam o estudo tradicional de escanteio. O estado das coisas na educação brasileira é um bom exemplo disso, pois nem mesmo o latim sobreviveu nas escolas e menos chances de ser cultivado teria o grego antigo.

De certo modo, é difícil provar a ligação entre o latim e a inteligência dos grandes gênios do passado. No entanto, a experiência de muitos que aprenderam essas línguas não deixa mentir, há uma verdadeira transformação operada naquele que as cultiva. Os benefícios começam no estudo da tradição, que tanto os homens de ciência cultivaram.

Ao ler os primeiros textos nessas línguas, o aluno passa a imaginar e a pensar de um modo um pouco diferente do que está acostumado quando lê ou pensa com uma língua moderna. O início é um pouco difícil; os mecanismos das línguas antigas são, por um lado, semelhantes aos das línguas modernas, mas, por outro, apresentam mais complexidade. O sentido das palavras está reservado a situações específicas da cosmovisão grega e latina. Uma outra característica que os alunos percebem é a elegância e a sutileza dos diferentes estilos de escrita da antiguidade. O estudante é exposto nuances e possibilidades de composições que guardam inúmeras riquezas estéticas e semânticas latentes. Além disso, começa a perceber como a nossa língua portuguesa, que nasceu da sua *genetrix* latina, foi originada e elevada. Então, depois de experimentar tudo isso,

quem pode ficar indiferente a um prato cheio para o próprio espírito criador, ao notar o desenvolvimento do raciocínio, da imaginação e da memória?

Fora isso, devemos estudá-las porque, por sua própria natureza, são os únicos meios de compreender, com profundidade, qualquer das ciências que nasceram em meio a nossa cultura ocidental. Não é uma afirmação ousada, mas não é simples de entender. Lembremos que o latim, que guardou em si o patrimônio cultural grego, tornou-se uma língua com papel universal, como nenhuma outra teve. Não no mesmo sentido de uma língua franca, mas, sobretudo, tornou-se o idioma oficial de tratados científicos e reapareceu obras literárias. Nela os poetas, filósofos, teólogos e médicos do Ocidente escreveram suas descobertas e poemas. Portanto deixaram para nós os seus termos, seus conceitos e descobertas em latim. Um exemplo que nos ajuda a compreender isso, é o das discussões a respeito das normas gramaticais e ortográficas da escrita portuguesa. Certa vez, para ajustar um acordo ortográfico, a Academia Brasileira de Letras pôs-se a discutir sobre uma nova grafia para o português brasileiro. Quais pessoas foram chamadas? Linguistas, e senhores com vasta formação em grego e latim. Por quê? Porque a nossa língua é fruto do grego e do latim. Além disso, a grafia do português deve conter não apenas a indicação fonética correta, mas também a indicação da raiz de uma palavra. Pois se podemos identificar a origem e o sentido de palavras portuguesas, podemos compreender com mais clareza o seu significado, ou diversos significados que talvez possua. Logo mais, veremos alguns exemplos que se aplicam a isso. Por ora, apenas saibamos que é impossível desassociar a cultura moderna e a antiga. Com isso, nada mais justo do que preservarmos esse conhecimento conosco. Também não basta delegar esta função a outros, não nos contentemos com pouco, com apenas saber que essas relações existem, mas as estudemos para participar de uma cultura que é inacessível sem o estudo das línguas antigas.

Não supomos que alguém que leia estes argumentos tome uma decisão expressa de estudar as duas línguas. Sabemos o quanto é um empreendimento desafiador. Porém, se o leitor pensa em fazer isso, que não demore a começar. Em todo caso, pode optar também por um estudo inicial mais tímido, caminhando por partes. Dito isso, convidamos todos aprender um pouco mais sobre as duas línguas no próximo capítulo, no qual compararemos o grego, o latim e o português. Portanto, antes de aprendermos as primeiras palavras em grego e latim, comecemos por aprender como e quanto diferem de nossa língua.

A relação entre português, latim e grego antigo



A língua portuguesa origina-se na península hispânica como um dialeto que fundia basicamente um latim vulgar e o galego. O galego era falado por tribos que habitavam a região da galícia na Hispania. E o latim vulgar chegou por lá no século III a. C, com batalhões romanos que buscavam a anexação e o domínio da região. É chamado vulgar por ser a corrupção do latim formal, que se originou da linguagem coloquial romana. Esse encontro acontece ainda no período em que Roma era uma república. Uma série de batalhas com Cartago – as guerras Púnicas, já mencionadas anteriormente – e a ambição por território levou-os ao domínio da península. Portanto, ali estabeleceram mais uma província, que foi populada e ao longo do tempo ganhou identidade cultural própria.

Nada se escreveu com os dialetos falados na Hispania até o fim do Império Romano. Com a queda de Roma, porém, e a invasão bárbara, ocorrem inúmeras transformações políticas e sociais na região. A partir daí, a educação romana, que fora centrada no aprendizado do latim, foi-se perdendo quase por inteiro e não tinha mais a mesma força sobre a cultura do povo, levando os habitantes da região a escreverem em seus dialetos com uso do alfabeto latino. Pelo século XI, já se tem registro das primeiras trovas em galego-português. O aprimoramento desse dialeto culmina na solidificação do Português como língua nacional. Na região, se deu o mesmo com a língua espanhola.

Estas línguas que se formam, desde seus escritos mais rudimentares, guardam as origens latinas em suas raízes, porém já não se conservam os mecanismos do latim e o valor semântico de suas palavras. Assim, o português não nasceu com a mesma capacidade de expressão que a língua latina havia constituído ao longo de tantos anos de cultivo. Agora, como língua que pretendesse dar unidade cultural a um povo, deveria nutrir-se para ser capaz de expressar realidades de natureza humana e teórico-científica. Contudo, foi somente aos poucos que a língua portuguesa ganhou a capacidade expressiva que possui hoje. Isso aconteceu conforme a educação na Europa medieval voltou-se cada vez mais às bases latinas. Da poesia trovadoresca os literatos portugueses e espanhóis desafiaram-se à imitação do gênero épico no século XVI, incorporando um rico vocabulário latino, como Camões faz em *Os Lusíadas*. O desafio de imitar a grandeza do latim usando-se de uma língua moderna já havia sido encarado por Dante, com a *Divina Comédia*. As línguas modernas, nesse período, começam, portanto a carregar consigo toda a cultura greco-latina anterior. Bebem da literatura e filosofia grega e latina, imitando os termos consolidados da tradição educacional, buscando a expressão de tudo que é complexo por meio de palavras que foram herdadas da cultura antiga. Cada língua moderna fez isso ao seu modo. A língua

portuguesa e espanhola, por exemplo, ainda tiveram uma influência árabe, por causa do contato com seus invasores vindos do norte da África ainda na Idade Média. Mas, sem sombra de dúvidas, o latim e o grego é que predominam nas raízes de nossa língua.

Embora tenha se originado do latim, o Português se identifica pela ausência dos mecanismos da língua antiga. Se queremos compreender a diferença entre uma língua e outra, é preciso compará-las em suas gramáticas, diferenciando seus elementos e mecanismos próprios. Um mecanismo que a nossa língua possui, por exemplo, é o da ordem frasal. Se desajustarmos muito a ordem dos elementos de nossas frases, podemos incorrer facilmente em perda de sentido. Não posso sair por aí dizendo “O pêssego comeu o garoto”. Sabemos pelo contexto que não foi o pêssego que comeu alguma coisa, mas sim que o garoto comeu o pêssego. Desse modo, notamos quão fácil é criar orações dúbias em português quando invertemos o sujeito com o complemento do verbo. Por vezes, no entanto, as poesias são carregadas disso, mas se esclarecem de outro modo. Posso dizer “de amor e de esperança à terra desce”. Ao ler um trecho como esse, sabemos que o verbo ‘desce’ necessita de um sujeito que o anteceda, porém sabemos que não está presente. A partícula “à”, com crase, nos indica uma preposição ‘a’ mais o artigo ‘a’, e que ‘à terra’ está no sentido de um lugar *para o qual* desce algo. Não devemos, certamente, pensar ser *a terra* aquilo que desce.

Na língua latina, a ordem frasal importa, mas muito menos do que em nossa língua. Em latim, as preposições, em sua maioria, não indicam o mesmo que as preposições da língua portuguesa. Como funciona isso? Supomos que eu queira dizer “Caio dá a caneta a Quinto”. Também posso reescrever esta frase assim “A Quinto Caio dá a caneta”. A preposição ‘a’ mantém-se sempre com “Quinto”, significando o *objeto indireto*, para quem a caneta foi destinada. Em latim, porém, o mecanismo não usa uma preposição, mas sim altera a

terminação da palavra “Quintus”. Quintus é o nome em latim, assim como Gaius, em português “Caio”. Se reescrevo o mesmo em latim, devo dizer “Gaius dat Calamum Quinto”. E se fosse o contrário? Quinto agora dá a caneta. “Quintus dat calamum Gaio”. Aquele a quem a caneta é destinada será indicado pela flexão de caso, que faz o nome “Gaius” ou “Quintus” transformar-se em “Gaio” ou “Quinto”, de final “-us” para “-o”. Portanto, ao invés de representar o objeto indireto com uso de uma preposição, flexiona-se o caso.

O uso dos casos é a primeira diferença entre latim e português que se destaca aos olhos. A língua grega funciona assim também. Enquanto no latim os substantivos e adjetivos podem flexionar em seis casos, nominativo, vocativo, genitivo, dativo e ablativo, no grego antigo, utilizamos apenas cinco, pois não possui o ablativo. Todas as situações que pedem o uso do ablativo no latim, são englobadas basicamente pelo genitivo e pelo dativo grego.

No uso dos verbos encontramos algumas outras diferenças semelhantes. Enquanto na língua portuguesa expressamos alguns tempos verbais no modo subjuntivo ou na voz passiva de modo composto, no latim os verbos alteram-se em sua terminação. Tomemos o exemplo da voz ativa e passiva, em português dizemos “vê”, que é ativo, e “é visto”, verbo passivo. Em latim “videt” e “videtur”. A voz passiva “videtur” não é expressa por uma locução, pois o verbo ganha uma desinência própria de voz passiva. Já os verbos gregos se assemelham aos latinos, ainda com alguns acréscimos bastante interessantes, como a ‘voz média’, que ora pode tornar um verbo em intransitivo ou reflexivo.

Não quis recheiar este texto de exemplos gregos por causa de seu alfabeto, que é complicado aos iniciantes. Neste momento de apresentação, não vale a pena assustar ninguém com símbolos desconhecidos sem necessidade de apresentá-los de surpresa. Mas adianto a todos que o alfabeto latino é muito semelhante ao grego,

tanto na forma escrita como nos fonemas. Basta treinar um pouco, coisa que poderão fazer no próximo capítulo.

O motivo desta apresentação é basicamente dar-lhes um panorama do que lhes espera neste estudo: um novo modo de pensar. Mas não se trata apenas de um modo de pensar qualquer, mas sim clássico, de uma enorme tradição. As duas línguas são como nascentes de um rio sem fim por onde matam a sede de centenas de povos, incluindo o nosso.

Parte II

Métodos

(latim e grego, o ensino das línguas através do tempo)



O nosso método.

“sine ullo metu atque cruciatu, inter etiam blandimenta nutricum et ioca arridentium et laetitias alludentium”

O método que usamos é chamado método direto ou método natural. É chamado *direto* porque o material didático em nenhum momento utiliza traduções para ensinar as línguas ou, pelo menos, na maior parte do tempo, faz uso da própria língua para ensinar algo novo. É chamado *natural* no sentido de que o aluno desenvolve suas capacidades e seu vocabulário aos poucos de forma muito gradual como se estivesse avançando as fases de um jogo. O léxico de palavras

que o método traz é frequencial, ou seja, é formado pelas palavras que aparecem com maior frequência na escrita literária. Desse modo, o aprendizado é acumulativo; a cada lição, o texto retoma o vocabulário anterior, mostrando novas aplicações suas para, assim, ensinar as próximas palavras. Por causa de tudo isso e pela organização com que é estruturado, este método permite ao estudante o treino da fala e da escrita em bom estilo, o que está presente nas narrativas desde as primeiras frases.

Essas características valem tanto para o nosso material didático de latim quanto para o material de grego antigo. Porém, o livro que utilizamos no ensino do grego antigo não trabalha exatamente com as mesmas ferramentas, porque se usa de algumas traduções. Ainda assim, ambos os materiais nos permitem desenvolver uma aptidão especial para o estudo dessas línguas. Trata-se de um hábito que reúne práticas de memorização, leitura, escrita e um uso especial da imaginação.

Família Romana é o nome do material de latim. Qualquer um que se inscrever em nosso curso deve tê-lo em mãos. Foi escrito por Hans E. Ørberg, cujo esforço centrou-se em criar uma ferramenta poderosa para o estudo da língua latina, que resultou na série *Lingua Latina Per Se Illustrata*. Já quanto ao material de grego antigo, utilizamos o *Athenaze*, que foi desenvolvido na universidade de Oxford por professores de letras clássicas, dentre eles Luigi Miraglia, o discípulo e continuador de Ørberg. Ambos os livros possuem estrutura didática semelhante. As lições são compostas por capítulos que encerram uma narrativa com personagens e acontecimentos bastante diversificados. As histórias que são contadas nos levam a aprender o uso da língua sempre inserido em algum contexto. Assim, as lições podem aumentar em complexidade na medida em que a narração também evolui. Tudo isso é exposto de modo muito bem organizado e estruturado com figuras e símbolos didáticos que facilitam o aprendizado em cada etapa. Os livros-textos ainda são acompanhados de cadernos de exercícios relativos à cada uma das lições.

Quanto à qualidade da aprendizagem: é lógico que estes manuais isolados não são autossuficientes, pois há a necessidade de um professor que conduza suas leituras e atividades, embora os materiais não impossibilitem totalmente o estudo autodidata. Aqueles que desejam ser autodidatas, mas não possuem qualquer experiência com o aprendizado de línguas, ou consomem pouca literatura em língua portuguesa, devem tomar cuidado para não caírem em uma frustração desnecessária. Acrescente-se que nenhum material escrito consegue informar absolutamente tudo que é necessário a cada um de seus leitores, revelando tudo que os alunos precisam por meio de recursos didáticos. Pode focar em uma parte ou outra da sua matéria, pode trazer as informações de maneira mais facilitada, pode até comunicar as lições com profundidade, mas o aprendizado está sujeito à realidade individual de quem o busca. Por isso, é muito comum haver diversidade de opiniões sobre um livro ou outro, visto que tudo que é escrito atende a um público ora mais geral, ora mais específico.

De qualquer modo, a importância de usar um bom método não se resume à presença de boas gravuras, tabelas e notas na margem ou no rodapé da página. Estes são apenas alguns elementos que parecem fazer a grande diferença do método natural. No entanto, ainda que estes acréscimos possam ajudar muito, não são o essencial. Um método completo como esse, vai muito além, pois possui outros atributos de maior valor em toda a sua estrutura. Para compreendê-lo, voltemo-nos um pouco à história do ensino do grego e do latim.

História do ensino das línguas clássicas



Na Grécia antiga, a alfabetização iniciou por volta do século VII a. C. A prática de se educar nas letras avançou cada vez mais, mesmo que entre os gregos já existissem lendas e mitos tradicionais passados oralmente de geração em geração. A partir daí, a alfabetização imperou na educação dos gregos. Como sabemos, em alguns séculos, a história de Atenas e outras cidades-estados foram marcadas por um avanço científico sem precedentes. Aí desenvolveu-se a literatura e a filosofia. Já no século III a. C., uma série de acontecimentos políticos vão fazer com que os Romanos conquistassem parte do território helenístico e absorvessem a sua educação. Este povo interessava-se agora pelas artes dos gregos. Os nobres romanos frequentemente enviavam seus filhos à Grécia ou de lá buscavam alguém que lhes ensinasse a sua língua, principalmente para que se tornassem nobres oradores e tivessem uma carreira política.

Foi nesse ritmo que os romanos também criaram a sua própria literatura, pautada pela tradição helênica. Para uma educação forte, não havia outro caminho senão estudar a língua grega. Cícero, por exemplo, leu boa parte dos autores gregos da filosofia e da retórica, como Demóstenes, o que muito o inspirou. O ensino inicial, portanto, consistia em aprender diretamente com os falantes da outra língua, mesmo que o grego falado, o koiné, não tivesse exatamente a mesma linguagem formal dos clássicos antigos. Aos poucos formou-se a primeira semente da educação clássica bilingue já naquela época, visto que as pessoas não falavam no dia a dia com a elegância e formalidade dos clássicos.

Na Idade Média, os ambientes mais intelectualizados mantiveram a educação bilingue, em grego e latim. As línguas de cada região da Europa já haviam se diferenciado muito do latim vulgar do Império Romano. Mesmo assim os clássicos nunca foram abandonados.

Mais tarde, na Europa da renascença, o modo de ensiná-las ainda era o mesmo, consistia basicamente em memorizar as regras gramaticais e praticar a conversação com o professor. Mas isso variou com o tempo. Escreve-se que surgiu um novo ideal de aluno nesta época e as discussões sobre os métodos empregados ganharam muita força. As classes mais nobres queriam a educação dos clássicos para seus filhos e, agora, com o surgimento de inúmeras escolas humanísticas, estes podiam obtê-la sem que precisassem ingressar no clero. Uma outra característica do ensino se deu em práticas cotidianas. Pois, nas universidades, era comum que os alunos se comunicassem em latim, para que não lhes faltasse o costume e fossem corrigidos pelos seus mestres. Esses humanistas, por fim, resolveram afastar-se de qualquer método puramente gramatical, que normalmente seguiam as gramáticas de Prisciano e Donato. Também apareceram outros materiais didáticos, como o de Comênio, que utilizou gravuras para ensinar a língua. Dado o contexto da época, vale lembrar o

surgimento da imprensa, o que possibilitou a produção e difusão de novos materiais como esses.

Passados os séculos do renascimento e criada uma cultura mercantil pelo mundo todo, que se tornava cada vez mais globalizado, ocorre a Revolução Industrial. Então, no século XIX, a Europa industrializada procura adaptar-se a um tipo de vida completamente desconhecido. Opera-se uma mudança comportamental e cultural profunda. O ensino das línguas antigas ganhou a atenção de filólogos, que desejavam pouco a pouco excluir tudo o que não fosse análise gramatical do ensino das letras. Assim, poderiam levar os seus alunos mais rapidamente ao ensino de morfossintaxe da própria língua que falassem, usando-se do conhecimento das línguas antigas. Aos poucos, os métodos de ensino do latim que o Renascimento havia cultivado perderam-se nas novas escolas europeias, uma vez que se tornaram cada vez mais uma mera ferramenta de tradução ou de análise técnica de textos clássicos. Isso chegou ao cúmulo do fracasso no século XX. Os alunos aprenderam que estudar latim era decifrar textos usando dicionários e gramáticas, como se cada um fosse uma máquina de transpor palavras do latim para a sua língua. É comum, nesse processo, que a cada exercício os alunos passem longe do sentido real dos textos, posto que buscam um tipo de tradução literal de palavra por palavra, o que facilmente leva à ignorância do sentido completo dos textos. Em resumo, embora não haja nada de errado em saber consultar dicionários e gramáticas, aprender latim e grego antigo está longe de ser apenas uma decodificação de textos. Pois o estudo real de uma língua permite ler textos poéticos ou retóricos sem dicionários e as inúmeras ferramentas gramaticais, pois supõe que o leitor já tenha aprendido a língua e possua a grande parte do que precisa saber na memória. Se realmente conhece a língua, também será capaz de escrever e até falar com correção, embora conversar ou falar em latim seja um requisito questionável.

Vimos que, no Renascimento, Comênio compreendeu que havia problemas desse tipo na pedagogia de seu tempo e, de igual modo, no fim do século XIX não faltaram alguns estudiosos que notassem o mesmo. Preocupados com a deterioração do ensino, formularam novos métodos, com novos caminhos que dessem uma formação sólida e completa de grego e latim aos seus alunos. Dentre eles, o professor Arthur Jensen, também responsável pela criação do *English by the nature method*, desenvolveu com excelência o chamado método natural para línguas modernas. W. H. D. Rouse, um professor inglês de estudos clássicos, que nasceu no fim do século XIX, também buscava criar um método que favorecesse aulas dinâmicas, com conversações e textos mais adequados aos alunos de todos os níveis, de modo que também ensinasse do fácil para o difícil.

Nossos livros didáticos de latim e grego antigo são continuações das tentativas desses professores. O *Athenze*, de grego antigo, é fortemente inspirado nos materiais didáticos de Rouse, enquanto o *Família Romana*, de Hans Henning Ørberg está inteiramente na proposta de Jensen como método natural, embora contenha acréscimos importantíssimos. Atualmente esses dois livros compõem o ensino clássico de países do mundo todo. Os elementos que os compõem vão aos poucos formando o aluno para enfrentarem os problemas mais profundos do ensino clássico, desde a precisão semântica do vocabulário que aprendem, com aprofundamento gramatical, até a preparação para a leitura em diversos gêneros e estilos literários.

Primeiras lições

(latim e grego)



Exercício de latim.



Mapa, lectio I e exercícios

IMPERIUM ROMANUM

Rōma in Italiā est. Italia in Eurōpā est. Graecia in Eurōpā est.

Italiā et Graecia in Eurōpā sunt. Hispānia quoque in Eurōpā est. Hispānia quoque in Eurōpā est. Hipānia et Italia et Graecia in Eurōpā sunt.

Aegyptus in Eurōpā nōn est, Aegyptus in Āfricā est. Gallia nōn in Āfrica est, Gallia est in Eurōpā.

Syria nōn est in Eurōpā, sed in Asiā. Arabia quoque in Asiā est. Syria et Arabia in Asiā sunt. Germānia nōn in Asiā, sed in Eurōpā est. Britannia quoque in Eurōpā est. Germānia et Britannia sunt in Eurōpā.

Questões:

Qual preposição da língua portuguesa equivale a ‘in’?

A conjunção ‘et’, em algumas línguas neolatinas, mantém-se com igual escrita, na língua portuguesa, porém, perdeu uma letra. Qual conjunção é esta? O que faz?

O que significa ‘est’? Qual a diferença entre ‘est’ e ‘sunt’?

Traduz para o português a frase “Hispania quoque in Eurōpā est.”? A qual vocábulo corresponde “quoque”?

A conjunção ‘sed’ pode ser traduzida por quais conjunções em português?

Exercício de grego antigo

Agora vamos à leitura em grego antigo. Diferentemente da língua latina, da qual temos o mesmo alfabeto e cuja semelhança, que é maior, guardamos em nossa língua também, a língua grega nos oferece o primeiro desafio de aprender o alfabeto e seus fonemas. Portanto, para que tu tenhas logo a capacidade de ler as primeiras

palavras de uma vez por todas, comecemos pelo alfabeto e pronúncia das primeiras palavras.

Lê pelo menos uma vez o nome de todas as letras do alfabeto grego reconhecendo o símbolo de cada uma delas. Tu podes, desde o início, ler o nome das letras que estiver em grego, tentando associá-los, letra a letra, aos nomes escritos com alfabeto latino.

Por fim, tu deves fazer os exercícios, para ligar consoantes e vogais, como fizemos em nossa alfabetização, mas agora com o alfabeto grego.

Letra	Nome em português e grego antigo	Pronúncia
A, α	Alfa, ἄλφα	a, mesma da letra 'a' do alfabeto latino
B, β	Beta, βῆτα	b
Γ, γ	Gama, γάμμα	g, com as vogais: ga, gue, gui, go, gu
Δ, δ	Delta, δέλτα	d
E, ε	Épsilon, ἕ ψιλόν	e
Z, ζ	Zeta, ζῆτα	ds, como em "dseta" (ζῆτα)
H, η	Eta, ἦτα	e, mesma vogal de épsilon, mas é longa
Θ, θ	Teta, θῆτα	th, como o th da língua inglesa
I, ι	Iota, ἰώτα	i
K, κ	Kapa, κάππα	k, como ka, ke, ki, ko, ku
Λ, λ	Lambda, λαμβδα	l
M, μ	Mi, μῦ	m
N, ν	Ni, νῦ	n
Ξ, ξ	Ksi, ξῖ	Ks, ou cs, como o som de 'x' em 'axioma'.
O, ο	Ômicron, ὀ μικρόν	o
Π, π	Pi, πῖ	p
P, ρ	Rô, ῥῶ	r

Σ, σ, ς	Sigma, σίγμα	s
Τ, τ	Tau, ταῦ	t
Υ, υ	Ípsilon, ὕ ψιλον	ü
Φ, φ	Phi, φῖ	f
Χ, χ	Chi, χῖ	som de k, seguido de aspiração: kh
Ψ, ψ	Psi, ψῖ	ps
Ω, ω	Ômega, ὦ μέγα	o, mesmo de ômicron, mas longo.

Exemplo para a resolução do exercício: Μω, μω: Μο, μο.
 Após as sílabas, tu terás uma palavra completa.

Αι, αι: _____
 Νιγ, νιγ: _____
 Μα, μα: _____
 Ἄνιγμα: _____

Α, α: _____
 Ξι, ξι: _____
 Ω, ω: _____
 Ἀξίωμα: _____

Ρω, ρω: _____
 Ἄρωμα: _____

Ασθ, ασθ: _____
 Ἄσθμα: _____

Γραμ, γραμ: _____
 Γράμμα: _____

Δερ, δερ: _____

Δερμα: _____

Δια, δια: _____

Δη, δη: _____

Διάδημα: _____

Φραγ, φραγ: _____

Διάφραγμα: _____

Λη, λη: _____

Δίλημα: _____

Πλω, πλω: _____

Δίπλωμα: _____

Ζευς: _____

Ζεύς: _____

Ή, ή: _____

Ρα, ρα: _____

Ἦρα: _____

Θη, θη: _____

Νη, νη: _____

Ἀθήνη: _____

Πολ, πολ: _____

Λων, λων: _____

Ἀπόλλων: _____

Parte III

O que podemos ler em grego antigo e latim?



A literatura Helênica

A literatura grega se inicia com a poesia sacerdotal, de cujos poetas apenas ouvimos falar. Seus autores tornaram-se praticamente personagens de um passado remoto, como Orfeu, cantor da Argonáutica. Esta foi uma expedição realizada por Jasão e sua equipe de heróis em busca da lã de ouro sagrada. Esta antiga geração lendária de poetas dá lugar a Homero e Hesíodo, que se classificam como autores dos gêneros épico e didático. Homero teria sido quase contemporâneo de Hesíodo, porém é considerado mais antigo, embora ainda se discuta a originalidade de seus textos. Seus épicos, que influenciaram fortemente os costumes gregos e, depois, de toda a Europa, são a *Ilíada* e a *Odisseia*. A *ilíada* conta a narrativa da

guerra de Troia, travadas entre gregos e troianos, cuja figura central é Aquiles, o maior dos guerreiros gregos. Nessa obra, estão presentes as principais divindades da mitologia e os grandes heróis das lendas gregas. Desse modo, tinham-na como um escrito sagrado, pois ali estava o exemplar de tudo quanto deveriam seguir para serem nobres, desde o modo correto de fazer as preces e as oferendas aos deuses até o modo de se comportar perante os velhos e os líderes. No decorrer da guerra, os deuses olímpicos participam ativamente de tudo que ocorre nas batalhas e escolhem entre si povos e homens diletos, influenciando os guerreiros e os resultados das batalhas. O segundo épico de Homero, a Odisseia, mantém-se em coerência e harmonia com a narrativa da Ilíada. Conta ela a história de Odisseu, um dos principais heróis gregos que lutou em Tróia. A narrativa inicia a partir do fim da guerra, quando o herói tenta voltar para a sua ilha, Ítaca, onde era rei. Penélope, esposa de Odisseu, que se via ameaçada por inúmeros perigos, fica a sua espera por mais de 20 anos, que soma o tempo da guerra de Tróia com o da viagem do esposo pelo mar Mediterrâneo. Ele erra pelas águas, passando por reinos e ilhas misteriosas, trajeto que compõe um caminho de purgação.

Essas duas obras de Homero não foram importantes somente para a cultura helênica. Seus épicos penetraram com raízes profundas em todos os códigos sociais e morais da Europa, de modo que a literatura posterior nunca pode esquecê-los. Hesíodo não é menos relevante. Maria Carpeaux o considera o outro lado da moeda, por ser o cantor dos proletários, enquanto Homero era o dos nobres. As duas grandes obras de Hesíodo são *A Teogonia* e *Os Trabalhos e Os Dias*. A primeira conta a história da formação do universo e das divindades superiores, a segunda descreve as eras de ouro, prata, bronze e ferro dos seres da terra. Se queremos compreender, de fato, a estrutura do Olimpo, não há melhor obra do que a *Teogonia*. A história do universo que podemos ler nesta obra contém os primeiros seres do universo, que dão origem a tudo quanto há, incluindo a natureza observável pelos

sentidos humanos. Diz que no princípio estava o Caos, sem forma, que, ao se dividir, poderia originar tudo quanto existe. Dele surgem todos os outros grandes seres primordiais, como a Terra, o Céu e os Oceanos. O trabalho de Hesíodo foi basicamente compor a narrativa de um processo que ocorre nos tempos primordiais. Até hoje grandes cientistas baseiam-se em sua poesia para conceber imaginativamente as etapas da formação do Universo que enxergamos.

Com as obras desses dois autores, temos o que podemos considerar a base da literatura antiga, que servirá de referência a todos os seus sucessores na arte literária. Nesta época arcaica da civilização grega, os poetas ainda não possuíam escrita, pois seus poemas teriam sido registrados muito mais tarde, tendo permanecido até então na boca de outros cantores, chamados “aedos”.

Após os tempos homéricos, surgiram novas formas de poesia na Grécia. Os gregos passaram de um povo essencialmente rural a urbano, o que reflete substancialmente na vida social e política desses homens. Com isso, temos o surgimento dos novos gêneros literários, a começar pela Elegia e pela poesia lírica. Dentre os poetas que se destacam na elegia está o próprio Sólon, o legislador de Atenas. Este político sempre é lembrado em crônicas antigas que normalmente se encontram em livros sobre a história de Atenas. Geralmente as elegias eram poesias melancólicas ou dedicadas a perdas sofridas por inúmeros motivos e eram declamadas sem acompanhamento de instrumentos musicais. A poesia lírica, por outro lado, caracteriza-se pelo acompanhamento com instrumentos musicais, principalmente a lira, que foi um instrumento importantíssimo para a cultura grega e dá origem ao adjetivo ‘lírico’. Tão importante, que os próprios heróis gregos possuíam liras e as tocavam nos intervalos das batalhas. O deus Apolo, com sua lira, regia a dança das musas ao redor das fontes sagradas no alto das montanhas. Então, levada em conta a qualidade sagrada desse instrumento, é fácil compreender a seriedade com

que o empregaram no gênero lírico. O maior lírico foi Píndaro, que trouxe odes de louvor a feitos helênicos e poesias religiosas marcadas por concepções muito particulares sobre as divindades olímpicas.

A poesia helênica é muito profunda e desenvolvida; foi dela que os próprios romanos tiraram seus primeiros moldes de escrita literária. Nelas os gregos depositaram seus amores, aflições, desejos, feitos heroicos, anseios e deram início a uma arte jamais esquecida.

No tempo áureo da história de Atenas e das outras cidades-estados gregas, a começar pelo momento em que os gregos enfrentaram os persas, surgiram os teatros, que configuraram o período mais fértil da expressão dramática grega. No teatro, temos Ésquilo, Sófocles e Eurípedes como principais nomes. Os temas teatrais refletiram mais uma vez a genialidade grega de tal modo que posteriormente não veremos nada igual ou comparável a eles. Pois mais tarde a dramaturgia perde os moldes que possuía nesse tempo, em que as peças eram apresentadas em períodos festivos e seus autores competiam entre si pelos louros. Esse teatro tinha ainda um papel social muito mais forte do que o teatro posterior, visto que era didático e visava a correção dos maus costumes dos cidadãos. Nesse contexto, a dramaturgia grega mostrou um engenho inigualável ao ponto de seus autores experimentarem novos desafios imaginativos desconhecidos para os gregos. Ésquilo, por exemplo, numa de suas principais peças, *Os Persas*, descreve aos espectadores a nobreza persa sob o reinado de Xerxes, que era apenas imaginada de longe pelos gregos. Agora pela primeira vez foi descrita em detalhes muito verossímeis, embora o autor também nunca a tivesse conhecido de fato. No episódio, são apresentados como os mais temíveis oponentes dos gregos. O rei e a corte são retratados de um modo muito criativo, pois estão num clima de alerta e representam uma ameaça latente aos gregos, embora tenham sido derrotados pelos atenienses no mesmo episódio. Do mesmo modo, os heróis lendários foram descritos com

novas características e reinterpretados por esses dramaturgos, de modo que servissem de exemplo aos atenienses, no que diz respeito a questões políticas e sociais. Sobretudo, esses escritores impregnavam as peças de sua visão de mundo, que era apolínea, o que em resumo significa o respeito às máximas “conhece-te a ti mesmo” e “nada em demasia”.

Daí em diante, desenvolve-se também a comédia. Aristófanes é o nome mais conhecido e aclamado de uma comédia que consistia basicamente em ridicularizar e tecer críticas a tudo o que lhe parecesse risível nas artes, nos costumes, na filosofia na religião e na política. Vale lembrar que, antes da leitura dos teatros, é importante conhecer as narrativas que serviram de inspiração aos autores, bem como os ciclos lendários e mitológicos por onde transitam as peças: ciclo de Héracles, tebano, micênico e troiano. Um ciclo significa um grupo de peças envoltas no mesmo tema. De Héracles, porque trata da vida do próprio herói. Tebano, porque trata-se dos episódios ocorridos em Tebas. Micênico e troiano, por incluir a linhagem de personagens micênicos, incluindo aí personagens importantes da guerra de Tróia.

O período áureo da literatura culminou no período da maturidade filosófica, o que não deve ser estranho para ninguém. Platão reúne as características desse tempo, pois é o grande filósofo discípulo de Sócrates, que chamará atenção não apenas pela intensa atividade filosófica e educacional, mas também por ter elevado um gênero literário digno da atenção do mundo todo, seus diálogos. Sem dúvida, os diálogos platônicos possuem engenho e estilo inigualáveis, que exalam excelência didática e emoção à cada leitura. Outra contribuição importante do mesmo período é de um discípulo de Platão, que criará o que consideramos os moldes das ciências modernas: ninguém menos que Aristóteles. Esses filósofos formaram um dos lados do pensamento grego, que foram muito aceitos na idade média e no renascimento pela Europa toda, principalmente na

parte ocidental. Porém havia o outro lado do pensamento filosófico e da educação grega que vale a pena ser estudado em autores como Isócrates. Este eixo de pensamento nasceu entre os sofistas, que nem sempre eram pedagogos ou pensadores perversos e enganadores assim como ficaram conhecidos. Eram descritos muitas vezes como retóricos profissionais que defendiam diversas causas sem qualquer compromisso com a verdade. Porém, seu pensamento e estudos também contribuíram para a formação de uma boa literatura e um tipo de educação propagada pela Europa até hoje.

Por mencionar a arte retórica, com os sofistas, não podemos passar pela prosa grega sem falar um pouco da eloquência, gênero da literatura que se desenvolveu conforme a evolução da organização social e dos mecanismos políticos gregos. Foi composta por discursos de persuasão que pertenceram ao campo de disputas judiciais e políticas. Encontramos os rudimentos desse gênero nos próprios discursos dos guerreiros homéricos em meio a guerra de Tróia – por exemplo, os de Nestor e Odisseu – e, depois, a sua elevação à excelência e à categoria de uma arte consolidada nas Filípicas de Demóstenes. Este último orador é considerado o maior dos gregos; suas Filípicas foram discursos feitos com a intenção de persuadir os atenienses a resistirem aos exércitos de Filipe da Macedônia, na guerra do Peloponeso, que já era quase inevitável quanto Demóstenes escreveu seus discursos. Estas guerras colocavam Atenas sob a ameaça de perder a hegemonia política e cultural. Com o fim desse cenário político e o domínio da Macedônia sobre os povos gregos, esses discursos marcaram a transição para uma nova fase da cultura antiga. Pouco tempo depois, surgiram inúmeros avanços técnico-científicos de enorme importância para o mundo moderno. Note-se aqui que o termo “helênico”, que é atribuído à cultura grega, é diferente de “helenístico”, o qual descreve um povo resultante da mistura entre orientais, da Ásia Menor, e gregos sob o domínio da Macedônia.

Até aqui, de modo muito conciso, passamos pelos principais gêneros e autores do período helênico. Mesmo que a produção escrita grega tenha se perdido em sua maior parte, podemos considerá-la larga e preciosa. A expressão humana foi elevada a um nível único nesse tempo. Além da produção artístico-literária, ainda poderíamos citar outros filósofos, matemáticos, médicos e homens de ciência que influenciaram toda produção científica posterior. Para citar um exemplo importante desse contexto, um filósofo e grande matemático, Tales de Mileto, postulou certos estudos que se tornaram parte integrante d'Os Elementos de Euclides, um tratado utilizado até hoje no ensino de geometria.

A literatura Helenista

A língua grega permaneceu entre os povos helenísticos, mas a literatura dos tempos áureos se foi. Surgiu algo novo, uma poesia considerada não tão bela e sofisticada. Porém podemos destacar o surgimento de um teatro de grande importância, o de Menandro. Ele foi um dos expoentes da comédia, situado no período final da dramaturgia grega. As obras desse autor influenciariam profundamente o teatro romano, cujos maiores expoentes foram Plauto e Terêncio.

Na *poesia* helenística, destaca-se Teócrito de Siracusa, considerado o maior autor de poemas bucólicos e de farsas, que escreveu suas obras na metade do século III a. C. Compôs poemas bucólicos que descrevem o prazer da vida campestre; já nas farsas são descritas as vidas de povos bastante urbanizados, que se formavam neste período.

O helenismo foi um período marcado por gostos bem diferentes dos anteriores, o que redundou numa grande produção de obras historiográficas, biográficas e do gênero da utopia. Podemos citar o historiador Políbio de Megalopolis, considerado um dos maiores depois de Tucídides. Quanto ao gênero das utopias, em sua maioria

eram histórias de algum povo distante que se passava em alguma ilha perdida, onde todos eram iguais socialmente e moralmente. A larga produção de utopias pode estar ligada a um período de muita incerteza e exploração do estado, o que marca o período histórico.

Porém, o mesmo Estado que estava a decepcionar o povo, por sustentar bibliotecas imponentes e financiar estudos de interesse próprio. Algumas das contribuições técnico-científicas da época se darão pelas mentes de alguns famosos cientistas de Alexandria, Siracusa, Pérgamo e outras grandes cidades do mundo helenístico. O próprio Alexandre contribuiu para isso, pois concretizava-se a fusão de conhecimentos e interesses egípcios, caldeus e gregos nesse tempo, o que direcionou a atenção dos homens também para a astronomia e a astrologia, artes cultivadas com muita seriedade por todos esses povos, com destaque para os caldeus, cujos deuses eram os próprios astros errantes do céu.

As ciências de maior atenção foram a astronomia, a matemática, a geografia, a medicina e a física. Um dos primeiros Astrônomos foi Aristarco de Samos (310 - 230 a. C.), o primeiro a formar uma concepção correta das dimensões entre os astros fixos e errantes. Hiparco de Alexandria é outro que se destaca por seu trabalho. Foi um cientista do século II, a quem se atribui a invenção do astrolábio. Por último, temos Ptolomeu de Alexandria, com sua principal obra, o *Almagesto*, que trouxe um modelo baseado na teoria geocêntrica, manual usado por muitos séculos e ainda estudado.

A matemática e a geografia se ligavam muito à astronomia. Damos destaque a isso, porque até hoje consideramos de suma importância a leitura de algumas obras que surgiram nesta época, a começar pelos *Elementos de Geometria* de Euclides, matemático de maior renome do período helenístico (323- 285 a. C.). Destaca-se também o trabalho de Eratóstenes (276- 194 a. C.), um cientista e bibliotecário de Alexandria.

A literatura Romana no tempo da República

A literatura romana que possuímos do tempo da República pode ser vista de modo geral como resultado de modificações drásticas na cultura e nas condições sociais de Roma. Durante a república, os romanos anexaram muitos territórios devido às disputas com Cartago. Foram três grandes guerras Púnicas e à medida em que adicionavam territórios ao controle da Urbe, também englobavam costumes e a cultura de outros povos. Mas o principal dentre esses que influenciou os romanos durante o processo de domínio foi, como mencionado anteriormente, o povo de cultura helenística. A cultura grega, portanto, avançou para dentro dos muros de Roma. Num impacto marcante, as classes sociais romanas descobriam a filosofia e a literatura gregas.

Duas doutrinas filosóficas de grande importância para a compreensão desse período e da cultura ocidental chegaram à Roma: o epicurismo e o estoicismo. O representante latino do epicurismo foi Lucrécio. A obra deste filósofo que mais esclarece suas ideias tem o título de “A natureza das coisas”. A doutrina epicurista Iniciou-se com Epicuro na Grécia helenística, cujo modo de vida e filosofia consistia na busca de um ideal humano de felicidade e fuga da dor e do sofrimento físico. É, sobretudo, uma doutrina materialista, que não compreende em si a crença de qualquer vida após a morte, a qual, para eles, seria o término de tudo para todos os seres vivos.

Já o estoicismo, que foi fundada por Zenão, possui outra compreensão da vida e busca alcançar um ideal humano de felicidade e paz de espírito pela busca das virtudes, que são o principal meio para esse fim. Para o maior dos expoentes latinos, Cícero, o homem ideal é indiferente à tristeza e à dor. Cícero deixa suas crenças doutrinárias bastante evidentes em seus discursos. Teria ele cultivado uma filosofia mista, composta por ideias platônicas, aristotélicas e principalmente

estoicas. É o maior prosador latino de todos os tempos. Foi certamente quem mais influenciou a escrita dos séculos seguintes.

Esta influência grega ainda repercutiu para além da filosofia e do modo de viver. Tornou-se moda entre os intelectuais e estudiosos romanos a imitação de obras gregas em língua latina. Ora copiavam-nas, ora tomavam seu estilo por referência e inspiração. Plauto e Terêncio são dois grandes exemplos da comédia grega que se destacaram pela cópia do teatro de Menandro. Outros influenciados nesse período pela cultura helenística foram Catulo, com suas poesias apaixonadas, e Salústio, com obras historiográficas.

A literatura Romana no tempo do Império

Então, depois de inúmeros conflitos e disputas pelo poder, surge o principado de Roma (27 a. C. - 284 d. C.), que foi fundado com Otávio Augusto como *princeps*, instalando-se o Império Romano. Agora os tempos eram outros, e marcavam o início de um período conhecido como *Pax Romana*. Culturalmente, vê-se uma amálgama de crenças filosóficas e morais em Roma. Os interesses intelectuais e artísticos estão menos voltados a objetivos e valores semelhantes, como no tempo da república. Convieram, porém, aos nobres, que agora possuíam um governo tão vasto e poderoso, as diversas ideias estoicas de perfeição moral, busca de virtudes e de uma vida cheia de parcimônia. Ainda hoje, podemos ler os escritos de alguns apóstolos do estoicismo daquela época, que podem nos ajudar a compreender alguns traços da nossa própria cultura moderna. Nesse grupo temos Sêneca (3 a. C. – 65), que teria sido milionário e até mesmo conselheiro de Nero, famoso imperador responsável pelo incêndio da cidade de Roma inteira. Depois surge Epicteto, um escravo nascido em 60 d.C., e Marco Aurélio, que também são conhecidos como autores estoicos desta época.

A cultura da qual falamos, que se via envolta por ideais muito diversos, produziu poetas do gênio de Horácio. As Odes de Horácio expressam o sentimento misto desses ideais, pois possuía influências tanto do epicurismo quanto do estoicismo. Assim, recomendava aos homens um caminho do meio, entre a dor e o prazer, mas sempre permeado pelas virtudes.

Na mesma época de Augusto, surge Virgílio, o maior dos poetas épicos romanos. Seu talento e erudição são inquestionáveis. Este poeta escreveu poesias com variados tipos de versos, porém consagrou-se com os hexâmetros datílicos. O seu famoso épico é a Eneida, que narra a história do troiano Eneias. Sendo Tróia expugnada, Eneias foge com sua esposa, que se perde na fuga, seu pai, Anquises, o filho único, Ascânio, e outros habitantes da cidade. Não apenas deveria escapar da morte, mas também fundar um novo reino, onde as raízes troianas pudessem permanecer para sempre. Por fim, consegue cumprir esta missão com a ajuda dos deuses, principalmente de sua mãe, a deusa Vênus. É no Lácio, região onde fica Roma, que Eneias se estabelece com seu povo. Neste local, cria alianças com o rei Latino ao casar-se com Lavínia, sua filha. Os descendentes gerados a partir desta união dão origem aos próprios romanos. Virgílio escreveu esta história por encomenda do imperador; desse modo, a sua finalidade é ligar Roma aos heróis do passado, exaltando a tese de que o povo latino descende do troiano Eneias, que era filho da própria deusa Vênus. Portanto, quer glorificar o próprio império de Augusto.

Outro poeta importante foi Ovídio. Dentre suas variadas obras, que constam de elegias, épicos e até teatros, destacamos o livro d'As Metamorfoses, com o qual muito podemos nos informar da cosmovisão greco-latina. Esta obra é constituída de 15 livros que contam a história do universo desde o primeiro momento, quando apenas havia o caos, servindo-se claramente das antigas teogonias gregas. Ovídio, dentre os poetas, escreve de modo bastante claro,

ainda que seja poesia rigorosamente metrificada em estilo esmerado. Vale a pena conhecer a sua obra profundamente, pela importância cultural e pela beleza da escrita.

Se queremos, porém, um bom estilo latino em prosa que tenha nascido na mesma época, que o busquemos em Tito Lívio. Foi um historiador e o primeiro a tentar completar a narrativa da história de Roma, que conta do tempo da chegada do herói Enéas à Itália até o Império. Atualmente os historiadores tecem-lhe críticas, por seu perfil nacionalista, que está mais dedicado a criar uma propaganda do império do que descrever fatos históricos fiéis à verdade. Mas seus críticos, de fato, parecem ignorar que coube a Tito Lívio o projeto ambicioso de escrever uma história completa de Roma, o que talvez tenha influenciado muito seu estilo.

Após a morte de Otávio Augusto, vamos ter uma poesia mais centrada nos costumes baixos da sociedade. Nem por isso ela deixa de ter o seu valor. São registros literários que merecem ser lidos. Dentre eles, por exemplo, está Petrônio, escritor de episódios novelísticos engraçadíssimos com rico vocabulário latino. Destacam-se, também no gênio da época, Apuleio, Marcial, Juvenal e Tácito. Tácito é historiador e um tipo revoltado com a sociedade, de modo que a acusa moralmente em sua escrita. Juvenal escreve sátiras. E Apuleio foi um dos primeiros romancistas do mundo. Mas que fique claro: o que escreveu não foi exatamente uma obra como o romance moderno de Flaubert. Seu título mais conhecido desse gênero foi o romance *Matamorfooses*, ou “O asno de ouro”, que foi a única novela romana totalmente preservada. Conta a história de um homem transformado em asno que passa por diversas aventuras.

A literatura sagrada

Os séculos do império foram marcados pelo surgimento do cristianismo. Conforme a religião cristã vai ganhando espaço, principalmente na Europa e na Ásia, vão surgindo prosadores, filósofos e teólogos da Igreja, cujo papel foi constituir uma doutrina sagrada e defender a fé cristã. Sabemos que a literatura deste gênero nunca parou de crescer, porém esta época inicial é marcada pelo surgimento da patrística, cujos documentos estão todos em grego antigo ou latim. Dentre os autores gregos do período inicial, podemos citar os padres apostólicos e apologetas: São Clemente, São Justino, Clemente de Alexandria e Orígenes. Mais tarde, da época de Constantino até a queda do Império Romano do Ocidente, teremos os chamados dogmáticos: Santo Atanásio, São Basílio e São João Crisóstomo. Dos exemplos latinos, podemos citar de modo direto aqueles que vão dos primeiros três séculos do Império do Ocidente até a queda do mesmo: Tertuliano, São Cipriano, Arnóbio, Lactâncio, Santo Hilário, Santo Ambrósio, São Jerônimo e Santo Agostinho.

Com certeza, São Jerônimo e Santo Agostinho são os dois mais famosos autores cristãos de cultura latina. São Jerônimo é o autor da vulgata, tradução da bíblia do grego para o latim, e Santo Agostinho, o dos livros "As Confissões" e "Cidade de Deus". Entre os gregos, destacamos Clemente de Alexandria, com a sua famosa "Exortação aos gregos", escrito no qual emprega de modo excelente a sua eloquência no ataque aos cultos pagãos, e São João Crisóstomo, por muitas vezes comparado à Cícero ao compor em defesa da fé.

Com tudo isso comentamos, de sobrevoos, a produção escrita que nos restou do esplendor da literatura grega e latina e de outras fases não tão gloriosas, mas de igual importância. Ainda faltaria comentar uma série de obras escritas nas duas línguas, que poderiam ser do interesse de muitos alunos, como por exemplo a

escrita científica que parte da Idade Média até a Modernidade. Pois há inúmeros tratados que deram início ao conhecimento técnico-científico do qual tanto falamos hoje. Porém não cabe a este pequeno livro falar de tudo, pois queremos apenas instigar à leitura do que está mais esquecido e que, no entanto, possui valor imensurável. Voltemos, assim, a nossa atenção ao trabalho inigualável de artistas e filósofos tão valorosos que formaram o Ocidente. Por ora, convidamos cada aluno a investigar mais sobre esses períodos e sobre os autores pelos quais tiverem curiosidade. Que o façam para que se lhes abram as portas às belezas e às verdades as quais a literatura greco-latina revela, entendendo que também são patrimônio nosso, do qual só não tomamos posse por ignorância ou descaso.

Considerações finais



Obrigado àqueles que permaneceram até aqui conosco. Se alguém deseja iniciar uma vida de estudos séria e que seja alicerçada na cultura clássica, que possa encontrar neste livro um breve guia para iniciar este caminho. Pois não é uma via restrita a um tipo ou outro de pessoas, mas sim aquela que une qualquer um de nós à fonte de todo o pensamento do ocidente.

Quem quiser seguir daqui para uma experiência de estudo mais profunda tem liberdade para conversar conosco, da Schola Classica, a qualquer momento.

Gratias vobis agimus! In proximum!

Algumas referências:

ABELSON, P. As sete artes liberais: Um estudo sobre a cultura medieval. Kíron. Campinas, São Paulo, 2019.

BOYER, C. CURSUS PHILOSOPHIAE ad usum seminariorum. Volumen Primum. Editio Universitatis Gregoriana. 1937.

BURNS, E.M. História da Civilização Ocidental. Porto Alegre, RS. Editora Globo, 1964.

CANTU, C. História Universal. Adameres, 1968.

DAWSON, C. H. La crisis de la educacion occidental. Madrid. Ediciones Rialp, S. A., 1962.

ERASMO DE ROTERDÃ; A Educação Liberal. Kíron; 2020.

FERNANDES C. H., CARBONERA M. L. Gramática: Formação Literária e Guia de Gramática da Língua Portuguesa; Arte Gramática de Dionísio da Trácia. Porto Alegre: Instituto Hugo de São Vítor 2020.

FIGUEIREDO A. B. Bosquejo Histórico da Literatura Classica, grega, latina e portuguesa. Segunda edição, Coimbra, na imprensa da universidade; 1846.

JAEGER, C. S. A Inveja dos Anjos: As Escolas Catedrais e os Ideais Sociais na Europa Medieval (950–1200). Campinas, São Paulo. Kíron; 1ª edição, 2019.

MIRAGLIA, L. Como no se enseña latín. Publicado em Micromega 5; 1996.

MARROU, H.-I. História da Educação na Antiguidade Clássica. Kíron; 2017.

NUNES, R. A. C. História da Educação na Antiguidade Cristã. Kíron; 2017.

NUNES, R. A. C. História da Educação na Idade Média. Kíron; 2017.

NUNES, R. A. C. História da Educação no Renascimento. Kíron; 2017.

NUNES, R. A. C. História da Educação no Séc. XVII. Kíron; 2017.

